

Aleister Crowley e a contracultura

Vitor Cei Santos

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir a sua doutrina do Novo Aeon de Aleister Crowley, refletindo sobre sua constituição histórica, seus valores e conseqüências para a sociedade pós-moderna. O ocultista inglês foi um escritor mítico e controvertido, poeta da liberdade irrestrita e da vontade como máxima soberana, além de defensor do uso de sexo e drogas para fins mágicos. O seu discurso esotérico impulsionou trajetórias existenciais de grande força contestatória, tornando-o guru da contracultura.

Abstract

The main objective of this article is discussing Crowley doctrine of the New Aeon, thinking about its historical constitution, its values and consequences to the post-modernism. The occultist was a mythical and controversial writer, poet of the unrestricted freedom and of the will as a maxim sovereign, besides he was a defender of the use of sex and drugs to magical purposes. His esoteric discourse stimulate existential trajectories of great refutable power, made him the counterculture guru.

Aleister Crowley (1875 -1947), mago, poeta e escritor ocultista inglês, foi um dos

principais ícones da contracultura. A sua doutrina do Novo Aeon, indo ao encontro da necessidade de contestação dos rebeldes, ganhou força nos movimentos contraculturais da década de 1960, que anunciavam a era astrológica de Aquário, pela qual os jovens ansiavam e tentavam materializar em comunidades alternativas.

Reza a lenda que Crowley, em 1904, durante sua viagem de lua-de-mel ao Cairo, no Egito, teria psicografado o famoso *Livro da Lei, Líber AL vel Legis* (CROWLEY, 1999), da entidade espiritual autodenominada *Aiwass*, um mensageiro dos deuses do Novo Aeon e santo-anjo guardião do mago. A data em que a obra teria sido ditada corresponderia ao advento da nova era.

Aeon é uma palavra latina que apresenta os sentidos de era, tempo, geração ou eternidade. Sua origem etimológica é a palavra grega *blackAion*, que por sua vez é derivada de *aei*, “sempre”. *Aion*, um dos conceitos gregos de tempo, se reveste de diversos sentidos: tempo, duração da vida, vida, eternidade, idade, geração e século (PEREIRA, 1998). A palavra pode se referir tanto ao período que a pessoa já viveu, quanto ao período que ainda viverá. Pode significar, ainda, tanto o passado obscuro e distante quanto o futuro longínquo.

O ocultista Lon Milo DuQuette (2007) explica que cada Aeon é caracterizado por uma fórmula mágica, que consiste no enunciado de como os fatos e as teorias cosmológicas são percebidos, podendo tomar a forma de axiomas ou conjuntos de símbolos que aumentariam a capacidade dos indivíduos de perceberem a si mesmos e ao universo.

Crowley reconhecia nos deuses egípcios Ísis, Osíris e Hórus (mãe, pai e filho) as fórmulas mágicas características dos três últimos Aeons. O primeiro, a fórmula da Grande Deusa, teria começado aproximadamente em 2400 a.C., data que também marcaria o começo da era astrológica de Áries. O período seria marcado pelo matriarcalismo, em que a natureza era percebida como um processo contínuo de crescimento espontâneo e as mulheres eram vistas como fontes da vida.

O Aeon de Osíris marcou o fim do matriarcalismo e o início do patriarcalismo. Quando se tornou conhecido que sem o sêmem do homem a mulher permaneceria estéril, aconteceu uma revolução na consciência de gênero e organização social: a Grande Deusa assumiu o lugar de esposa do Deus Pai. A fórmula patriarcal osiriana se cristalizou como o mito central de incontáveis culturas e civilizações, continuando a dominar até hoje a vida espiritual e sociocultural da maior parte da humanidade.

Na primeira metade do século XX, as forças de Osíris promoveram uma aliança entre a razão instrumental e o mercado mundial em crescente expansão, destruindo todas as barreiras morais existentes, gerando duas barbáries de impacto planetário: a I e a II Guerras Mundiais. Dois locais, um polonês e outro japonês, simbolizam o terror da época: o campo de concentração de

Auschwitz e a cidade de Hiroshima, o holocausto e a bomba atômica. A barbárie colocou em cheque o Velho Aeon. A razão, que pretendia abolir o irracional, tornou-se ela mesma uma irracionalidade opressora e destrutiva.

No período pós-guerra, uma nova racionalidade se manifestou a partir da influência do Aeon de Hórus, a fórmula mágica da criança coroada e conquistadora que reconcilia e transcende a fórmula das duas eras que o antecederam. Como reações à tradição, diversas transformações afetaram as sociedades, as religiões, as ciências, a literatura, as artes e a filosofia. O mundo pós-guerra, globalizado, contemporâneo, passou a ser chamado de pós-moderno. A pós-modernidade, quando adota esse nome, demonstra uma vontade de exaustão e superação do moderno. Umbilicalmente ligada à modernidade, a pós-modernidade ganha expressão própria se posicionando contra os velhos valores. Desde então, começa uma reação contra as conseqüências nefastas do projeto osiriano.

Marcados por uma cosmovisão predominante, os Aeons não são períodos estanques. Ou seja, o iniciar de uma era não significa o fim das anteriores e sim sua perda de influência. Dessa forma ainda se encontra o pensamento das eras anteriores no decorrer do tempo. Nesse sentido, desde o século XX vem acontecendo um combate entre as forças dos Aeons de Osíris e de Hórus, o pai autoritário contra o filho rebelde. Tal embate tem como marco os movimentos contraculturais das décadas de 1960, que buscaram suplantiar os velhos valores. A contracultura adotou entusiasticamente a bandeira do pós-modernismo.

Jean-François Lyotard (2002) ensina que, na condição pós-moderna, o tripé das autoridades modernas – Pai, Ciência e Ética – perde legitimidade. O *pater*, autoridade na família e no Estado, é destronado, a ciência passa a dividir seu espaço com práticas do tipo esotérico e a ética universal impositiva é substituída pelo pluralismo normativo.

Nesse contexto, a formação de grupos e ordens iniciáticas, esotéricas, era uma forma comum de reunir pessoas com idéias transgressoras. As comunidades alternativas, divulgadas por ícones contraculturais brasileiros e internacionais, como Raul Seixas (Sociedade Alternativa) e John Lennon (*New Utopian*), estariam integradas a um circuito em interação com outros circuitos (políticos, religiosos, esotéricos, terapêuticos e ecológicos), compondo uma rede de adeptos cuja proposta é pensar globalmente e agir localmente.

É dentro dessa perspectiva, aponta Fredric Jameson (2002), que os impulsos utópicos contraculturais não se unificaram, mas produziram uma descentralização global, com a institucionalização em pequenos grupos que gerou uma série relevante de movimentos micropolíticos independentes, cujos denominadores comuns são diversas formas alternativas de vida, anticapitalistas e contraculturais.

O movimento contracultural, globalizado, com adeptos em todo o planeta, defenderia a preparação espiritual para o ingresso na nova era, mais conhecida como Era de Aquário. A canção “Aquarius”, do musical *Hair* (1979), é emblemática:

Quando a lua estiver na sétima casa
E Júpiter alinhar-se com Marte
Então a paz guiará os planetas

E o amor conduzirá as estrelas

Esta é a aurora da Era de Aquário
Era de Aquário
Aquário
Aquário

Harmonia e compreensão
Solidariedade e confiança em fartura
Sem mais falsidades ou zombarias
Vívidos e dourados sonhos de visões
Revelação do cristal místico
E a legítima libertação da mente
Aquário
Aquário

DuQuette (2007) explica que o grande ano astrológico dura aproximadamente 26 mil anos e é dividido em 12 eras (éons) de cerca de 2.166 anos, cada uma correspondendo a um dos doze signos do zodíaco. Nesse sentido, a Era de Aquário, o Novo Aeon Mágico, é a sucessora da Era de Peixes, que foi antecedida pela de Áries e assim por diante.

Leila Marrach Basto de Albuquerque (2001) afirma que a doutrina da Era de Aquário mistura astrologia, cálculos matemáticos, figuras geométricas e coordenadas astronômicas com reflexões de cunho filosófico e esotérico, sem deixar de sugerir técnicas para previsão e controle de contingências da vida, dissolvendo as fronteiras entre magia, religião, ciência e filosofia:

“A aproximação do fim do milênio estimulou a expectativa do advento de uma Nova Era, regida pelo signo de Aquário. Ancorada na Astrologia, que aos poucos vai ganhando mais espaço no espectro de fontes inspiradoras da cultura alternativa,

a Nova Era espera a realização de todas as integrações de que o presente se ressentem: dos homens entre si, do homem no cosmo, do homem com a natureza, de todos os povos, de todos os saberes, de todas as ciências, de todas as religiões”. (ALBUQUERQUE, 2001, p. 120).

A contracultura, adepta da religiosidade da Nova Era, procura preencher as lacunas deixadas pelas instituições estabelecidas, que não conseguiram concretizar o projeto iluminista de “igualdade, liberdade e fraternidade”. Ela se apresenta como alternativa que procura corresponder às necessidades para as quais se manifestaram incapazes. Rejeitando a modernidade e os valores da cultura ocidental, a contracultura celebra os valores femininos e resgata antigas religiões e crenças, na maioria das vezes de maneira descompromissada com as bases das mesmas.

Os adeptos da Era de Aquário, negando qualquer autoridade, reconhecem apenas a soberania espiritual de sua própria experiência interior, buscando a chave das correspondências entre todos os elementos do universo de modo que cada indivíduo possa estar em perfeita harmonia com os outros seres humanos e com o cosmos. Nesse sentido, a doutrina de Crowley tem afinidade com a religiosidade aquariana.

O escritor inglês foi um poeta da liberdade irrestrita e da vontade como máxima soberana, além de defensor do uso de sexo e drogas para fins mágicos. Foi partidário de um individualismo extremista, apregoando a autonomia individual na busca da liberdade e satisfação das inclinações naturais, em detrimento da hegemonia da coletividade massificada e despersonalizada. Sua magia condena todas as formas de poder e autoridade que

restringam a soberania e a liberdade absoluta do indivíduo.

A doutrina individualista de Crowley pode ser resumida na máxima “Faze o que tu queres deverá ser o todo da Lei!” (CROWLEY, 1999, p. 6). Esta é a Lei de Thelema, palavra grega que pode ser traduzida por vontade ou desejo. Etimologicamente, aproxima-se de *theós*, o divino, e de *thélgo*, “encantar magicamente” (PEREIRA, 1998, p. 263). Para a doutrina thelemita, a sua máxima, longe de ser apenas um bordão, consiste na fórmula mágica do Novo Aeon.

0.2,0.2,0.2 A Lei de Thelema não deve ser interpretada como uma licença para a realização de qualquer capricho individual, mas sim como uma missão divina de se encontrar sua verdadeira vontade, o propósito da vida de cada um, permitindo que todos possam percorrer seu autêntico caminho individual. A compreensão e aceitação da Lei de Thelema é o que define um thelemita, que tem na descoberta de sua verdadeira vontade sua maior motivação. O *Liber Oz* (CROWLEY, 2009) é um manifesto que resume os preceitos da Lei de Thelema e serve como declaração thelêmica dos direitos da humanidade no Novo Aeon:

“A Lei do Forte: Essa é a nossa lei e a alegria do mundo.” (AL 2.21)

“Faze o que queres, há de ser o tudo da Lei.” (AL 1.40)

“Não tens direito fora fazer o que queres. Faz isto, e ninguém dirá não.” (AL 1.42-3)

“Todo homem e toda mulher é uma estrela.” (AL 1.3)

NÃO HÁ DEUS ALÉM DO HOMEM

1- O homem tem o direito de viver pela sua própria lei
de viver da maneira que ele quiser;

de trabalhar como ele quiser;
de brincar como ele quiser;
de descansar como ele quiser;
de morrer quando e como ele quiser.
2- O homem tem o direito de comer o que ele quiser
de beber o que ele quiser;
de se abrigar onde quiser;
de se mover como queira na face da Terra.
3- O homem tem o direito de pensar o que ele quiser
de falar o que ele quiser;
de escrever o que ele quiser;
de desenhar, pintar, esculpir, gravar, moldar, construir como ele quiser;
de vestir-se como quiser.
4- O homem tem o direito de amar como ele quiser
“Pegai vosso quinhão e vontade de amor como vós quiserdes, quando, onde e com quem quiserdes.” (AL 1.51)
5- O homem tem o direito de matar aqueles que possam frustrar esses direitos
“Os escravos servirão.” (AL 2.58)
“Amor é a lei, amor sob vontade.” (AL 1.57).

Crowley anuncia uma era de liberdade irrestrita para o ser humano. Homens e mulheres, alcançando a sua harmonia com o próprio Universo, estariam capacitados a assumir seu *status* divino e realizar as suas verdadeiras vontades. “Faze o que tu queres, há de ser o todo da Lei”.

Na crença thelemita, em vez de esperar que um poder transcendente justifique o mundo, o homem tem de dar sentido à própria vida. A vontade de toda pessoa já estaria em perfeita harmonia com a vontade divina, constituindo uma única e mesma

vontade. Assim, a única fonte de orientação espiritual confiável em todo o universo seríamos nós mesmos. O indivíduo, não Deus, passa a ser o centro do Universo, explica Duquette (2007).

Os autênticos thelemitas buscam um caminho individual, anárquico, fazendo uso de simbologias singulares. Se “todo homem e toda mulher é uma estrela”, cada um deve exercer sua autêntica vontade, encontrando sua própria órbita. Com o livre desenvolvimento de cada um sendo a condição do livre desenvolvimento de todos, os astros farão sua trajetória uns em torno dos outros.

Em contrapartida, os “escravos”, isto é, os resignados, impotentes, esperam que um poder exterior (seja Deus ou o Estado) justifique o mundo, obedecendo às vontades alheias em detrimento de suas vontades individuais. Assim, permanecem sem questionar os valores e costumes tradicionais, submetendo-se servilmente às autoridades e instituições estabelecidas.

A Lei de Thelema emerge da crença na inutilidade das lutas no campo político-institucional, pois redundariam sempre em alguma forma de opressão ao indivíduo. A transformação social viável para resolver os problemas do homem dentro da sociedade só poderia ser alcançada na medida em que cada um pense por si próprio, suprimindo todas as formas de autoridade estabelecidas, tendo em vista a realização dos desejos individuais. Nesse sentido, uma possível revolução seria fruto da organização coletiva das vontades individuais. A obra de Aleister Crowley é reveladora do discurso contracultural, em que loucura e drogas, urbanidade e ecologia, paranóia e violência, religião e ocultismo, amor e ódio, foram o pano de fundo de uma experiência múlti-

pla e contraditória. Com seu discurso do corpo, da festa, da droga e da busca de novas formas de percepção, a contracultura impulsionou trajetórias existenciais de grande força contestatória. A idéia de estar entrando em uma nova era, com todo o misticismo que isso agrega, representou a possibilidade de escapar à racionalidade violenta e sufocante do mundo em que vivemos.

1 Referências

- ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. Oriente: fonte de uma geografia imaginária. *Revista de Estudos da Religião - REVER*. Pós-graduação em Ciências da Religião - PUC-SP. N. 3, Ano 1, 2001. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever>. Acesso em: 5 Abr. 2007.
- CROWLEY, Aleister. *Liber AL vel Legis*. Trad. Marisol A. Seabra. [s.l.]: Ordo Templi Orientis, 1999. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 6 Abr. 2007.
- _____. *Liber Oz*. [s.l.]: Ordo Templi Orientis Internacional, 2009. Disponível em: <http://www.ordotempliorientisbrasil.org>. Acesso em: 4 Jan. 2009.
- DUQUETTE, Lon Milo. *A Magia de Aleister Crowley: um manual dos rituais de thelema*. Trad. Carlos Raposo. São Paulo: Madras, 2007.
- HAIR. Direção: Milos Forman. [S.l.]: Metro Goldwyn-Mayer Studios, 1979. 1 DVD.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 2002.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego-português e português grego*. Braga: Apostolado da Imprensa, 1998.